



A. Estado, Poderes e Sociedade
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões
C. Educação e Desenvolvimento
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes
F. Família, Género e Afectos
G. Teorias, Modelos e Metodologias
Sessões Plenárias

Os olhares sobre a mudança e as mudanças dos olhares

José Reis

1. Quero começar por dizer que levei na devida conta a sugestão dos organizadores para que esta participação não pretendesse representar os modos (ou mesmo o modo predominante) como a economia encara a questão da mudança. Claro está que também não senti que fosse interessante apostar numa digressão íntima e exageradamente pessoal em que me limitasse a um exercício de introspecção acerca da minha própria investigação, exercício que, feito neste lugar, podia ser pretensioso.

Em todo o caso, o que aqui trago é principalmente um conjunto de ilações tiradas por um economista que privilegia as cumplicidades interdisciplinares. Para isso, vou tomar em atenção o facto de ter vindo sobretudo a trabalhar sobre as dinâmicas territoriais da economia e digo desde já que seleccionarei três questões principais que, segundo julgo, encerram modos de olhar a mudança socioeconómica, nomeadamente quando o tema da investigação é o que acabo de referir. Essas questões, a que chegarei no final desta exposição, correspondem ao propósito de associar a mudança à formação de limiares mínimos de densidade material e institucional, à percepção quer da genealogia quer das relações geomórficas (cóslicas) dos processos socioeconómicos e à percepção das contextualidades como campo onde se evidenciam as relações entre aquilo que é individual e contingente e entre o que é estrutural e geral. O facto de estas três questões terem praticamente a forma de binómios (falei do material e do institucional; das genealogias e das relações cósmicas; do individual e do estrutural) não é alheio à convicção de que também os olhares mudam e que isso, longe de ser um indicador de ruptura, é principalmente um efeito virtuoso só possível quando se asseguram duas coisas: comparações intertemporais e, naturalmente, um trabalho empírico continuado.

2. Não gostaria, claro está, que esta intervenção servisse apenas para uma recensão das temáticas mais recorrentes na investigação das ciências sociais sobre a mudança socioeconómica. Porque, se eu tiver razão nas conclusões que apresento, estarei por certo a apelar para temas largamente partilhados pelos presentes e certamente muito familiares aos sociólogos. Aliás, julgo que um dos aspectos mais gratificantes desse inquérito seria concluir que são várias as áreas — incluindo aquelas em que eu tenho trabalhado — em que problemáticas transversais captaram visões diversas (de sociólogos, de economistas, de geógrafos, de antropólogos, de historiadores...) gerando processos de interdisciplinaridade de que receio que hoje nos estejamos a afastar, devido a uma excessiva miniaturização dos temas ou a uma excessiva generalização das problemáticas. Quando falo de miniaturização dos temas quero referir uma vaga de investigações [localistas, simbologistas, comportamentalistas] que, à distância e porventura um pouco desinformado, me fazem às vezes pensar que existe um gosto emergente pela *tribalização* da realidade empírica. Quando falo de excessiva generalização das problemáticas tenho em mente o meu temor de que o preço a pagar por um (eventual) abrandamento da investigação empírica e do trabalho de campo seja uma adesão, já rendida e sem defesas, a temas globais de rápida proliferação intelectual. Não vejam isto como uma crítica — porque se fosse esse o meu objectivo ele morreria nas cascas, pois não tenho informação suficiente nem fiz o trabalho de casa necessário para me abalançar a tal propósito. Verifiquem apenas se tem ou não sentido erguer estas prevenções. Não vejam isto como uma crítica mas vejam-no como um elogio que me parece merecido a muitos de quadros de investigação da década passada: um período em que a investigação socioeconómica estava ainda abaixo dos limiares de densidade consideravelmente superiores que entretanto se atingiram e que, então como agora, era uma investigação que procurava identificar um país que hoje ainda está por conhecer cabalmente.

3. Deixem-me então fazer correr a memória para tentar saber que dado é que eu sou capaz de reter melhor para ilustrar o que de essencial resulta de algumas das tentativas que conheço para captar a mudança socioeconómica. Pelo meu lado, estou convencido que, como economista que não rejeita o treino da profissão para o tratamento da informação extensiva e para a atenção às resultantes macro, foi sempre nas pesquisas *intensivas* e na *interpretação* dos procedimentos que encontrei lamirés saudáveis para retratar coisas que me parecem relevantes e estímulos fortes para propor interpretações gerais. Processos, agentes e actores, inter-relações, territórios e políticas: estes seriam alguns dos tópicos da tal recensão que não quero aqui fazer. Quando digo pesquisas intensivas estou a querer aludir a formas intensas de convivência com um problema de investigação, o que inclui o trabalho empírico pertinente mas não se limita a isso, visto que, por junto, vêm também as outras dimensões da formulação do problema, incluindo as conceptuais e as teóricas.

Julgo que todos aceitámos espontaneamente a proposta de falarmos sobre a mudança porque ninguém recusa que é esse um objectivo (ou até o objectivo) da sua investigação. Vamos supor que estamos a ser justos com nós próprios e que foi sempre esta preocupação edificante que tivemos na parte de cima da mesa. Demos de barato que é da mudança “para melhor” que tratamos, independentemente do modo como a adjectivamos. A minha pergunta é esta: como é que verificamos que não andámos apenas a fazer retratos estáticos ou muito pontuais e que foi de facto da mudança que nos ocupámos?

Supondo que levam a meu crédito que eu não abuso do pecado do empiricismo, respondo a isto dizendo que a prova-provada de que a mudança tem sido um propósito coerente do trabalho das ciências sociais é feita por uma continuada verificação empírica e por uma continuada reinvenção de problemáticas. Pude há pouco tempo regressar ao tema e ao terreno em que mais prolongadamente trabalhei, uma boa meia dúzia de anos depois de por lá ter andado. Sei que não voltei lá nem para verificar ou falsificar as minhas razões nem para inventariar (ou mesmo inventar) uma outra realidade. Estou a referir-me à dinâmica dos chamados sistemas produtivos locais e aí reencontrei a importância de ter uma consciência clara acerca do que são *territórios*, agentes e actores, sistemas de inter--relações produtivas, contextos de contiguidade e processos de mediação, culturas técnicas, factores endógenos eventualmente geradores de autonomias e factores exógenos eventualmente transmissores de dependências.

Mais importante do que essa verificação é, evidentemente, o significado da *continuidade do trabalho empírico* enquanto instrumento para revelar os limites materiais que a investigação possui no tempo em que é feita. A comparação intertemporal é em si mesma uma fonte de mudança dos processos de pesquisa, e não uma contemplação narcisista do que se fez bem ou uma revisão castigadora do que se fez mal. E é, julgo eu, meio-caminho andado para a diversificação temática dos interesses do investigador. Os produtos dessa diversificação são sobretudo a prova do duplo processo de mudança que recai sobre a pesquisa socioeconómica: não só muda o objecto como mudam os olhares. É por isso que me parece que faz sentido avaliar se houve lugar a novas fixações dos olhares sobre a mudança, isto é, se há temáticas emergentes e o que é que elas significam.

4. A minha conclusão é que há e que elas são uma boa medida das evoluções intertemporais da investigação. É neste contexto de comparação que julgo que se pode mostrar que os dossiers de investigação nunca se encerram definitivamente e que a própria diversificação dos interesses dos investigadores são muitas vezes o resultado de sugestões que os nossos materiais nos oferecem. Para eleger um primeiro ponto de convergência das várias questões a que já aludi, digo que foram preocupações de identificação das situações em que existiam ou se procuravam atingir limiares de densidade material que começaram por estar mais presentes em muita da investigação socioeconómica, incluindo na minha. Deixo de lado a questão de que a ausência desses limiares também seria uma excelente motivação para a pesquisa. O que quero dizer é que o mesmo caminho que levou num primeiro tempo à percepção dos limiares de densidade material também levou rapidamente, num segundo tempo, à percepção da importância da densidade institucional (com o que isso possa significar quanto à acção dos actores, ao seu capital relacional, ao consumo de políticas...). Identificação dos limiares de densidade material e institucional dos processos locais, eis pois um binómio a sublinhar.

O interesse pela identificação de limiares de densidade material esteve muito ligado a tentativas de compreender a genealogia dos processos materiais. Há mais de dez anos fui desafiado por dois sociólogos atentos ao que se ia fazendo numa visão interdisciplinar da economia, o José Madureira Pinto e o Augusto Santos Silva, a escrever um papel onde desse conta de algumas questões suscitadas pela recolha directa de informação em economia. À minha maneira troquei o tema em miúdos e traduzi-o nas questões do “nível local de análise”. Se me permitem a intimidade direi que esse texto foi um dos trabalhos que mais gostei de fazer. Ele representava directamente a ideia de

que a análise das genealogias era um bom meio para ver as dinâmicas económicas. Como disse que gostei de escrever aquele texto devem pressupor que eu tenha a pretensão de que não cometi muitos erros de avaliação e de que ele não contém nada de grosseiramente contraditório com a ideia, a que esse mesmo caminho me levou, de que uma boa avaliação da mudança supõe que olhemos por várias janelas, isto é, supõe a combinação de várias escalas de análise: a escala da genealogia dos territórios, a escala das relações geonómicas (que representa a cosmologia dos processos socioeconómicos) e escalas intermédias como aquela a que, à falta de melhor e continuando a ter presente as questões espaciais do desenvolvimento, já chamei escala das interdependências territoriais alargadas, “chavão” com que quero dar conta das complementaridades interlocais dos processos materiais, isto é de contiguidades e de interdependências mais largas do que as que cada local representa.

Este compromisso com um contínuo que vai das genealogias às relações geonómicas é, pois, o meu segundo ponto de convergência em que julgo que assentam alguns dos modos de olhar a mudança socioeconómica.

Ao terceiro par de tópicos para onde convergem as preocupações acerca da mudança designá--lo-ei como o binómio estruturas/convenções e com isso quero dizer que há um problema permanente na investigação que é o de captar a contingência, a iniciativa, a diferença sem considerar que tudo é possível e pode acontecer erráticamente (em qualquer sítio e em qualquer tempo) mas também sem ver tudo como os dados previsíveis e facilmente antecipáveis que resultem de uma mecânica pré-estabelecida. A atenção às contextualidades pode ser um bom caminho para procurar um ponto de equilíbrio entre estes dois limites.

E deixem que termine com um apelo à vossa atenção. Como nos últimos 15 anos eu trabalhei, primeiro, sobre processos e agentes de pequena dimensão (pequena agricultura, sistemas produtivos locais, industrialização difusa), sobre territórios e regulação, e, mais recentemente, sobre Estado, instituições, políticas públicas e dispositivos de coordenação que medeiam entre os indivíduo e o que poderíamos chamar as formas constitucionais da economia, por tudo isto, verifiquem bem se, apesar do que disse no início, o que aqui propus é um conjunto de dados ou intuições minimamente operativo ou se é apenas uma racionalização retrospectiva de um percurso pessoal. Isto é, vejam se não é apenas um investigador a tentar legitimar a pretensão de fazer de si um auto-retrato que, se calhar, só a ele é útil.